

A HISTÓRIA REGIONAL COMO PARTE INTEGRANTE DO ENSINO UNIVERSITÁRIO.

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

Professor de História do Cariri, da Faculdade de Filosofia do Crato — Ceará.

A Faculdade de Filosofia do Crato mantém, no Curso de História, a Cadeira de *História do Cariri*.

Não é o Cariri Cearense uma região propriamente dita, como significação geográfica. É zona, ou sub-região, com características próprias, dentro do Ceará e da Região Nordeste. Há, no entanto, o hábito arraigado de receber tal designação, no linguajar do povo, da Imprensa, da Literatura e da Crônica Histórica, de tal forma, que criou força de Lei.

Com esse conceito, é que faremos nosso despretensioso estudo. O que vem a ser *Cariri Cearense*?

Pouca gente tem escrito tanto quanto eu, em jornais, revistas e livros em torno deste dadivoso pedaço de terra do sul cearense, zona úmida, de vegetação exuberante, encravada em meio de sertões adustos, de áspera caatinga do Nordeste Brasileiro.

Para melhor retratá-lo, transcreverei o primeiro capítulo do primeiro volume da *História do Cariri*, editada, em 1964, pela *Coleção-Estudos e Pesquisas*, da Faculdade de Filosofia do Crato.

*

O CARIRI CEARENSE. ORIGEM DO NOME. HABITANTES INDÍGENAS.

O Cariri é região do sul do Ceará, situado ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas e dezenas de fontes perenes, brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda.

“O Cariri cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere a sua fâcies geográfica, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social.

Esta curiosa diferenciação, no seu conjunto, bem acentuada quanto ao resto do Ceará e dos vizinhos, o é igualmente em relação a todo o País. O mais frizante contraste observa-se entre o pequeno vale do Batateira com os seus tributários, ainda menores, e o sertão circundante. Mas, interposta entre aquê e este, uma zona de transição se estende, subdividida em trechos transversais, mais ou menos bem definidos, que, daquele vale, se irradiam, perdendo progressivamente as qualidades especiais que sobremodo singularizam a parte nuclear” (Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho).

A diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do Cariri, apesar de bem interiorano, sentir que sua região é inteiramente fora do sertão pròpriamente dito.

“Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, e seu Cariri de sertão. Não toma a palavra sertão no seu sentido mais amplo, na acepção de zona do inteior, afastada da zona litorânea. O Cariri, do Ceará, é uma espécie de zona da mata pernambucana, ou dos brejos da Paraíba”. (J. de Figueiredo Filho, *Engenhos de Rapadura do Cariri*).

No Cariri, conforme as últimas divisões municipais do Ceará, há presentemente, 20 municípios, aqui discriminados em ordem alfabética: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririagu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Santana do Cariri.

Conforme o recenseamento de 1960, sua população orça em 373.851 almas. (Antônio C. Coêlho — *Itaytera*, 1961).

No mapa de Delimitação da *Região do Cariri*, os técnicos da Etene, do *Banco do Nordeste Brasileiro*, acrescentam-lhe: Campos Sales, Assaré, Antonina do Norte e Várzea Alegre.

Procede a sua denominação de um dos ramos indígenas do Brasil, classificados pelo grande historiador cearense — Capistrano de Abreu, nestes oito grupos: *Tupis Guaranis*, *Guaicurus*, *Nuaruaques*, *Cariris*, *Gês ou Tapuias*, *Caráibas*, *Panos e Betóias*.

“Os Cariris (*Kiriris-Sabujas* de Ehreulich) estendiam-se do Paraguaçu ao Itapicuru e aí foram encontrados, desde os primeiros tempos da colonização. Senhoreavam, a princípio, o litoral nordestino, onde ainda os viram os portugueses. O nome, no dizer de Pôrto Seguro, significa *Tristonho*; *Calado*, silencioso, conforme outros, o que indica “característica etnográfica” tanto mais notável, quanto é sabido que os outros índios eram terríveis palradores”, diz Rodolfo Garcia. (Estêvão Pinto, *Os Indígenas do Nordeste*).

Cariri. Esta família foi encontrada ocupando uma área não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará, ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema. Mas, nem todo êste território estava senhoreado pelas hordas cariris: elas se tinham localizado nos melhores sítios, nas regiões mais férteis e menos áridas, nos vales frescos ou úmidos, como o que tem o seu nome, no Ceará, nas serras frescas, no vale do Rio São Francisco, nas cabeceiras de alguns rios baianos da drenagem atlântica, ao norte do rio das Contas. Viviam naquêlo âmbito, interpostos aos cariris, tribos gê, tupi, fulniô, tarairiú e outras de origem ainda não determinada.

Ao que se supõe, teriam chegado a esta região, vindos do norte, como era tradição entre êles, e do noroeste. O caminho provável, mais ajustado às condições de vida e à sua cultura neolítica teria sido o curso navegável de rios caudalosos, no nosso entender o próprio Amazonas e o Tocantins.

Uma vez estabelecidos nas margens e ilhas do São Francisco, depois de algum tempo tiveram de expandir-se, premidos pela necessidade de espaço, com o crescimento das tribos, seguiram então levar para o norte, pela serra de Borborema até alcançar o rio Salgado, afluente do Jaguaribe, no Ceará, onde foram ocupar o vale entre as serras do Araripe e de São Pedro, abundante d'água, e todo o vale do rio Salgado, que era perene. Possivelmente, ainda no Ceará, moravam em trechos limitados das bacias dos rios Cariús, dos Porcos, ou Podi-mirim, Rio das Antas, do Rosário e de outros, afluentes do Salgado. Viveram no oeste da Paraíba, nas cachoeiras do rio das Piranhas, nos melhores tratos da serra da Borborema. Outras levam preferiram marchar para o sul e os cariris se espalharam pelos sítios mais férteis do oeste de Sergipe, por tratos bem escolhidos das bacias dos rios Itapicuru e Paraguaçu. Quase nada se sabe da somatologia do cariri, além de que tinha estatura baixa e cabeça curta. A sua cultura, porém, é bem melhor conhecida, como veremos oportunamente. Por enquanto, basta referir que, como neolítico, praticava a agricultura e usava uma cerâmica relativamente desenvolvida, embora bem inferior à dos aruaques e tupis.

A família decompunha-se em 4 dialetos seguintes:

- 1). — Kipéa, na serra dos Cariris;
- 2). — Dzubucuá, no rio São Francisco;
- 3). — Camuru, falado na aldeia de Pedra Branca, na Bahia;
- 4). — Sabujá, na serra da Chapada, na Bahia.

Êstes dialetos foram mais ou menos estudados, especialmente os dois primeiros. Possivelmente, devem ter existido outros, que se per-

deram. Os índios dos Cariris Novos, no Ceará, provavelmente usavam um dialeto algo diferente dos referidos, como alguns topônimos deixam suspeitar”. — (Thomaz Pompeu Sobrinho, *Pré-História Cearense*).

Há duas regiões nordestinas com a denominação de Cariri. Uma fica na Paraíba, em zona de natureza inteiramente diferente da do Ceará, e onde impera a caatinga braba, e outra, no sul do Ceará. A região cearense recebeu o nome de *Cariris Novos*, uma vez que foi conhecida e colonizada após sua homônima paraibana.

Thomaz Pompeu Sobrinho, autoridade incontestável no assunto, é de parecer que os primeiros grupos de índios cariris estabeleceram-se no sul do Ceará, provavelmente, no IX e X séculos da era cristã. Vieram do São Francisco, onde teriam chegado no século IV e V, conforme o mesmo cientista e emérito pesquisador (1). O seu caminho foi o do Riacho da Brígida e do Pageú, o mesmo que, em parte, seria utilizado pelos povoadores brancos, após a descoberta. Como sucedeu mais tarde com o colonizador, os recursos naturais da terra, com suas fontes a jorrarem perenemente, foram convite eficaz ao invasor aborígene a fixar-se na terra, de acordo com as primitivas condições de vida selvagem.

De conformidade com Estêvão Pinto, autor de *Índigenas do Nordeste*, os cariris dividiam-se, de acôrdo com os respectivos dialetos, nos grupos: tremembés, pacajus, icós, cariris, cariús, jucás, genipapos, jandiús, sucurus, garanhuns, chocós, vovês, fulniôs, acenas, romaris. Fora dêsses grupos havia os calabças, curianês, quixeréus, icosinhos, no Cariri cearense e circunvizinhança. (Pe. Antônio Gomes, *A Província, Crato*).

Muito influíram os antigos silvícolas na formação do Cariri. A própria habitação do pobre é copiada, em parte, do aborígene. E' o mocambo, nome de origem africana, que nos veio de Pernambuco, feito de palha de palmeira e as paredes de muitas até do mesmo material, encontrado em abundância nas intermináveis matas de

(1). — “Quanto ao tempo da chegada das primeiras levas, sômente conjecturas se permitem. Os cariris foram dos primeiros imigrantes proto-malaios que habitaram as costas americanas do Pacifico, nos istmos ou na Colômbia. Teriam bem cedo deixado a área de caracterização tipológica. Isto ocorreu, provavelmente, quando ainda nela chegavam novas levas que vinham de galgar os Andes. Admitindo que essas primeiras levas na quarta corrente de povoadores alcançaram as costas, de onde se internaram, no continente, no curso de N. W. Amazônico, aí pelos últimos séculos dèste milênio. O estacionamento na área de formação dos brasílios (por ventura dos pré-brasíleos) não teria sido inferior a um milênio. Tudo isto nos leva a conjecturar que este povo chegara às margens do rio São Francisco, há cêrca de 1,5 milênios, portanto ainda no primeiro quartel da era cristã. Poucos séculos depois estariam alguns grupos de Cariri estabelecidos no sul do Ceará, isto é, aí pelo IX ou X século de nossa era. (*Pré-História Cearense* — Thomaz Pompeu Sobrinho).

babaçus do sul do Ceará. Em desconforto, pouco supera ao selvagem, o morador dos sítios ou dos subúrbios citadinos.

Muitos dos utensílios domésticos nos vieram dos habitantes primitivos das selvas. A cerâmica é filha ainda do tóscos cariri. No mato, as populações se servem das cabaças, cuias e coités, tal qual os nossos remotos antepassados do mato. O pilão de socar, a urupemba, abano, esteira de palhas de palmeira e mil outras coisas que se integram à civilização do motor para o acionamento da roda do aviamento, o que já é melhoria no método da taba. Conforme diz a maioria dos historiadores, a própria Missão do Brejo de Miranda criou-se e cresceu à sombra de casa de farinha, em seu sistema mais rudimentar. As culturas do milho e do algodão foram também conhecidas do índio. No Cariri, tudo concorria à vida fácil e primitiva, com a natureza a fornecer, em abundância, a macaúba, babaçu, piquí, aracá e outras frutas silvestres, além da caça farta nas matas, tudo isso nessa espécie de paraíso terreal, com dezenas de córregos, riachos e extensos brejos.

Restam ainda, sensíveis vestígios da vida silvícola por estas passagens. Entre a praça da Sé, bêrço do Crato, e o atual prédio em construção da Faculdade de Filosofia, à avenida Antônio Luís, de quando em quando se têm encontrado, em escavações de alicerces, içaçabas e mais içaçabas. Infelizmente, não se pode aproveitá-las inteiras. O trabalhador, ao descobri-las, julga estar diante de uma botija, escondida por um ricaço da antiguidade, em sua fuga de lutas armadas constantes. Sem mesmo examiná-las cuidadosamente, trata logo de arreventá-las a enxadecos ou picaretas. Restam, apenas, daquele tesouro que cobiçavam, em sua vida de pobreza, ossos pulverizando-se, em parte, e cacos de barro, alguns com desenhos bem vistosos. Em todo Vale Caririense, encontram-se colares de pedras, sílex ou machadinhas de índios, aos quais o povo chama sempre de corisco. São bem feitos, contornados, atestando assim que seu possuidor já passava pela fase mais evoluída da pedra polida. Há várias inscrições em tôda a zona.

Em Exu, município pernambucano, vizinho ao Crato, encrava-do em zona primitivamente povoada por índios da Nação Cariri, quando se trabalhava, há poucos anos, na rodovia, em ladeira da Gameleira, foram encontradas três içaçabas, que tiveram o mesmo destino das que sempre são descobertas nesta região — destruição. Numa delas, havia cachimbo de pedra entalhado com o máximo de perfeição, inteiramente em estilo incáico. Gameleira fica nas proximidades do chamado Exu Velho, povoação fundada por Capuchinhos e mais antiga que a Missão do Miranda, que deu origem ao Crato. O objeto, pelo bom acabamento, mostra que tivemos, em tem-

pos remotos, povoadores mais adiantados do que o aborígene cariri, que foi encontrado pelo colonizador, em fins do século XVII para o comêço do XVIII (2). Também podia se dar o caso de sua importação com os índios cariris, em sua migração da Amazônia para o Nordeste.

O elemento autóctone vive, ainda, no meio, através dos seus topônimos de riachos, serras, povoados, fazendas, sítios e, sobretudo, na denominação de inúmeras espécies da rica flora e da fauna caririenses.

O indígena, que vivia aqui, como em outras importantes regiões nordestinas, era de bravura inexcedível e a significação de seu nome que alguém diz ser covarde, apelido que lhe fôra dado pelos tupis, não passa de mentira indigna de registro.

“Terrível a resistência dos Cariris”, diz Capistrano de Abreu em *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, “talvez a mais persistente que os povoadores encontraram em todo o país”.

Para domá-los, foi preciso que os atacassem

“no Rio São Francisco, no Jaguaribe, no Parnaíba, por gente de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco, do Ceará”. (Irineu Pinheiro, *O Cariri*).

Como vimos, até bandeirantes paulistas tiveram de romper longos e ínvios caminhos a fim de destruir os mais bravos indígenas que encheram as selvas do Brasil. E êste destemor, provado em mil lutas e vicissitudes, ficou também em seu descendente, depois do caldeamento com o branco e, em pequena cota, com o negro. O mestiço do Cariri, pela sua afoiteza em lutas individuais, de cacete ou de facas, com o nó na camisa, ou nos movimentos épicos da guerra da Independência, dos campos do Paraguai, do desbravamento da Amazônia, nos embates contra a natureza hostil, é autêntico herói nacional. E’ digno de ser amparado pelos poderes públicos para que tanta energia indomável não venha a soçobrar, pela miséria coletiva.

Lord Cochrane, o almirante inglês a serviço da independência do Brasil, chegou a conhecer alguns dos seus elementos, em Fortaleza, no mês de outubro de 1824, quando abafou a Confederação do Equador no Ceará. No seu relatório, em certo trecho, diz:

“Prevendo o perigo disto, expedi uma proclamação, onde oferecia a quem o prendesse (*Tristão*) recompensa suficiente para induzir os índios, que antes haviam sido seus sustentadores, a partir em bus-

(2). — Este cachimbo encontra-se no museu do Crato, do Instituto Cultural do Cariri, dádiva do Snr. José de Brito Bacurau.

ca dêle, resultando a vir em ser morto, e todos os seus seqüezes apreendidos. Os chefes indianos, assim como a gente que dêsse dependia, foram de grande préstimo na restauração da ordem, combinando robustês corporal superior com atividade, energia, docilidade e fôrça de aturar que nunca falhava — formando, com efeito, os melhores padrões da raça, que eu vira na América Latina” (*História Militar do Ceará*, Eusébio de Sousa) (3).

Tais índios, que acompanharam Filgueiras e Tristão Gonçalves até Fortaleza, durante os acontecimentos heróicos e trágicos de 1824, naturalmente procediam do Cariri, pois constituíam a gente de confiança com que sempre contaram êles nas memoráveis lutas de 1822, 1823 e 1824. As tribos pertencentes aos cariris aparecerem, contra ou favor, nas expedições de Garcia d’Ávila, o bandeirante da Casa da Torre e também acompanharam as duas facções em litígio na terrível luta entre as famílias Feitosa e Monte, responsáveis por muita sangueira nos sertões cearenses. Conforme afirma o Conselheiro Tristão de A. Araripe, os indígenas do Cariri e Inhamuns ficaram com a primeira, enquanto calabaças e icós agruparam-se em torno de Montes.

O escritor Gustavo Barroso, secundando outros historiadores, fala-nos de uma “Confederação dos cariris” entre os séculos XVII e XVIII, a qual ia pondo em perigo a colonização lusitana no Nordeste. O móvel principal da luta foi a guerra sem trégua que o índio fazia à criação que considerava caça comum e que podia ser abatida como qualquer animal do mato. Vejamos pequeno trecho de Gustavo Barroso, que foi um dos maiores cronistas que o Ceará já possuiu, recolhida de seu livro póstumo *A Margem da História do Ceará*.

“No Sul do Brasil, a famosa Confederação dos tamoios, decantada em prosa e em verso, ameaçou a dominação portugüesa. No Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, a Confederação dos cariris, embora muito menos falada, quase destruiu, em seus fundamentos, a colonização lusa. Os cariris eram uma nação idômita e inquieta, de lingua travada, como se dizia, isto é, que não falava o idioma tupi. Habitavam o sertão, mas ao longo dos rios, de suas cabeceiras se estendiam até às proximidades da costa. Ocupavam a vastíssima região compreendida entre a margem esquerda do Rio São Francisco e as quebradas das serras do Araripe e da Ibiapaba. Combatidos pelos bandeirantes baianos da Casa da Torre de Garcia d’Ávila, com êles às vêzes se aliaram para dar caça a outros indígenas seus inimigos.

(3). — Apesar da expulsão dos índios da Vila Real do Crato, em 1780, Gardner, viajante inglês que visitou o Crato em 1863, encontrou-os entre sua população de cerca de duas mil almas “na maioria índios, ou de seus descendentes mestiços.....”.

Escuros, altos (4), membrudos, ornados de penas negras, car-rancudos e tristonhos, figuram nos documentos antigos com os vá-rios nomes de cariris, carirés, kiriris e até alarves. Essas denomina-ções cabiam ao seu ramo principal. Com outros ramos do mesmo sangue, usavam apelidos diferentes. Evangelizaram-nos no alto do São Francisco, no século XVII, os capuchinhos franceses Martin de Nantes, Teodoro de Lucé, Bernardo de Nantes, Boaventura de Becherel, Anastácio de Audierne e José de Ploermel. Deve-se ao primeiro a interessantíssima *Relation succinte e sincère de la Mission de Pe. Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostoli-que dans le Brésil parmi les indiens appelés Cariris*. No Ceará, al-dearam-nos, no século XVIII, os franciscanos italianos Carlos Ma-ria de Ferrara, Francisco de Palermo e Joaquim de Veneza, os fra-des carmelitas fundadores de Missão Velha e Missão Nova e o Jesuíta Jacob Cochle. Todavia, em 1780, restavam poucos descen-tes dessas tribos bravias, que foram transferidos para as vilas de índios mansos das cercanias da sede da Capitania do Ceará: Paupina ou Messejana, Arronches ou Parangaba, Caucaía ou Soure, onde fo-ram, dentro de algum tempo, absorvidos pela população local¹.

O historiador cearense Catunda achava os cariris de inteligên-cia inferior e incapazes de receber o menor grau de cultura. Tam-bém os considerava mais antropófagos do que os outros índios e sem qualquer noção de propriedade. O Padre Mamiami que foi grande estudioso do Cariri afirma que eles não praticavam a antropofagia e Beton que eram hábeis na tecelagem do algodão. Sua agricultura era bem desenvolvida (Extr.).

Conforme assegura Walter Pompeu, no *Ceará Colônia*, o dialeto Cariri é extremamente simples, e, como o Tupi, faltavam-lhe as letras do alfabeto F, L, J, Z e V.

*
*
*

Seria iniciativa pioneira a introdução da Cadeira de História Regional no currículo de uma Faculdade de Filosofia vinculada à Universidade?

Em julho, do presente ano, na qualidade de sócio correspondente do *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, freqüentei-lhe uma sessão ordinária, após relatar, em palestra, que dirigia eu a cadeira de "História do Cariri" na Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade Federal do Ceará, o presidente da mesa pediu que esse fato fôsse registrado na ata da sessão, como ini-

(4). — Preferimos ficar com a versão de Thomaz Pompeu Sobrinho que diz o cariri ser de estatura baixa. Sua descendência bem o demonstra.

ciativa digna de aplausos e também de ser imitada por outras entidades semelhantes, no país.

Há três anos, mais ou menos, como de outras feitas, tive a feliz oportunidade de conversar, demoradamente, com o Prof. E. Vilhena de Moraes, historiador, autor da aplaudida biografia do Duque de Caxias, sob o título "*Novos Aspectos da Figura de Caxias*". Narrei-lhe, com pormenores, os acontecimentos que se desenrolaram em Crato e no Cariri cearense, por ocasião dos movimentos independentistas entre os anos de 1817 e 1823.

Disse-lhe que, da mesma forma que sucedera a Cachoeira, na Bahia, Crato encabeçara as lutas de independência no Ceará, tomara parte na Revolução Pernambucana de 1817 e ainda chefiara expedição em favor da emancipação do Piauí e do Maranhão.

A conclusão do historiador que vem também de família dedicada à História, foi que precisamos fazer uma revisão geral nos compêndios oficiais, em torno desses conhecimentos que deveriam ter como base as várias e meticulosas pesquisas históricas e regionais processadas no território nacional.

A Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade Federal do Ceará, agiu muito bem em criar a Cadeira de História do Cariri. E por que isso?

Minha terra, quando tinha o pomposo título de *Vila Real do Crato*, foi o centro de todos os movimentos independentes que ocorreram no Ceará, em 1817, em 1822, e ainda tomou parte importante da expedição para desalojar o Major Brigadeiro José da Cunha Fidié, de Caxias no Maranhão, último baluarte sério de resistência lusitana, no Norte, a cair. Seus chefes também encabeçaram, no Ceará, a revolução republicana de 1824, que se chamou Confederação do Equador.

Seus cabecilhas — José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, que implantaram a independência, na província, em 1822 e foram principais vencedores de Fidié, em Caxias, enquanto Lord Cochrane, entrava em São Luis sem disparar um tiro, chefiaram também aquela revolta, eclodida em Recife.

Tristão, conforme afirmava o próprio Cochrane, contratado pelo governo brasileiro para sufocar aquela revolta republicana, teve maior atuação, em fazer proselitismo, do que mesmo Pais de Andrade, presidente da malograda Confederação, ainda, por cima de tudo, morreu trucidado, martir de seu ideal, enquanto o chefe pernambucano, abandonava seus companheiros e fugia em brigue inglês.

No Ceará correu muito mais sangue do que mesmo em Pernambuco, cabeça da rebelião. Só no desastre de Picada, perto da

província da Paraíba, morreram 185 homens do chefe republicano Maxi, afora os mártires de Fortaleza, Icó e Jardim.

Como a história oficial, ou oficializada, nos conta tudo isso? Quase silencia êsses casos que ocorreram de modo trágico, há mais de um século. O historiador João Ribeiro chegou a afirmar que não houve quase contribuição de sangue naquêlo movimento que envolveu quatro províncias nordestinas. Em momento oportuno, o descendente de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o crítico literário, de renome nacional Araripe Júnior, escreveu carta a João Ribeiro contestando aquela afirmativa, sem cunho de verdade histórica. Edições posteriores de seu difundido compêndio, para uso escolar, reproduzem a carta do neto do presidente do Ceará, na Confederação do Equador e herói da revolução pernambucana de 1817, na Vila Real do Crato.

Mesmo no meio caririense, a influência da história oficializada foi tão intensa, que os fatos regionais, até há pouco tempo, estavam quase totalmente esquecidos. Foram historiadores locais, entre os quais Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes de Araújo e o autor dessa comunicação, dirigente da Cadeira de História do Cariri e autor de 3 volumes de *História do Cariri*, ainda não concluída, que imprimiram novos rumos aos conhecimentos históricos, nesta zona. Hoje, as datas históricas caririenses são comemoradas, com tanto entusiasmo quanto às de caráter nacional.

A própria História do Ceará não esclarece bem, de modo geral, os fatos históricos, mesmo de maior relêvo, ocorridos em determinados municípios ou zonas. Quem se circunscrever aos compêndios didáticos, julga que o Ceará foi povoado só do litoral para o interior. Entretanto, o Cariri foi povoado por elementos étnicos vindos pelo caminho natural do São Francisco e afluentes, procedentes da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, e isso no século XVIII. O citado Padre Antônio Gomes, identificou centenas de famílias caririenses, oriundas da Bahia e Sergipe, em pesquisas de cartório e arquivos eclesiásticos. O autor dêste trabalho, no seu livro *O Folclore no Cariri*, comprova, com dados irrefutáveis, que nossa cultura popular é tôda originária da influência são-franciscana.

Tudo isso mostra ao nú, o valor do estudo de cada uma dessas regiões e sub-regiões, que formam o conjunto somático nacional. O exemplo da Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade do Ceará, deve ser imitado, como lembrou em sessão ordinária, o presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em agosto último.

BIBLIOGRAFIA

- "O Povo", edição comemorativa do Primeiro Centenário de Elevação de Crato à Cidade— 17 de outubro de 1953. Artigo do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho.
- Engenhos de Rapadura do Cariri* — J. de Figueiredo Filho — Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura — Rio, 1958.
- "Itaytera", órgão do Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1961.
- Aspectos Gerais da Economia Caririense* — Banco do Nordeste do Brasil — Etene, Fortaleza, agosto de 1961.
- Os Indígenas do Nordeste* — Estêvão Pinto — Companhia Editora Nacional São Paulo, 1935.
- Pré-História Cearense* — Thomaz Pompeu Sobrinho — Editora Instituto do Ceará Ltda. Fortaleza, 1955.
- O Cariri* — Irineu Pinheiro, Fortaleza, 1950.
- História Militar do Ceará* — Eusébio de Sousa — Editora Instituto do Ceará Ltda., 1950.
- História da Província do Ceará* — Tristão de Alencar Araripe. Editora Instituto do Ceará, 1958.
- À Margem da História do Ceará* — Gustavo Barroso, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- Ceará Colônia* — Tipografia Urânia, Fortaleza, 1929, Walter Pompeu.
- "A Província" — Crato, julho de 1954.